

AUTORES & LIVROS

26-3-1948
Ano VIII

Editor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 9
Vol. IX

NOTICIA SOBRE QUIRICIO CAXA

Pela primeira vez, cremos, o nome desse jesuíta aparece ilustrando uma história da literatura brasileira. E a razão dessemissão tem sido dupla: primeiro, o trabalho que daria título a Quiricío Caxa de figurar entre os nossos cronistas da mesma hora do Brasil só agora foi convenientemente divulgado; segundo, Quiricío Caxa é nascido em Espanha.

Com relação ao primeiro aspecto, seria ótima qualquer palavra ou observação nossa. Com referência ao segundo aspecto,

BIBLIOGRAFIA DE QUIRICIO CAXA

Conhecem-se de Quiricío Caxa os seguintes trabalhos:

— José de Anchieta. É uma biografia. Foi mandada escrever pelo Provincial Pedro Rodrigues.

Foi editada pelo Padre Serafim Leite, na revista portuguesa *Broteria*, e tirada em separata. Dessa separata é que veio a edição promovida por Antônio Simões dos Reis, da qual fazemos uso para a nossa publicação.

— José de Anchieta por Quiricío Caxa. Coleção Brasileira de Divulgação. Série I — Biografia n.º 2 — Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde. Imprensa Nacional, Rio, 1946, 41 págs.

— Breve Relação. Foi também mandada escrever pelo Provincial Pedro Rodrigues.

— Se o pai pode tender o seu filho e se um se pode vender a si mesmo. Esse trabalho foi publicado no *Jornal do Comércio* desta Capital pelo Padre Serafim Leite, a 20 de novembro de 1938. Ficou nas *Nova Cartas Jesuíticas* desse autor (Brasiliense, vol. 194, págs. 113 e 114).

Trata a página de Caxa e a resposta que a Caxa enviou Nogueira.

porém, esta merece uma observação: é a de que tão estranho quanto Quiricío Caxa, nascido em Espanha, é, por exemplo, Anchieta, nascido em Tenerife.

Cumpre alegar, em favor da Quiricío que ele viveu trinta e seis anos de sua vida no Brasil. Foi aqui professor dos mais eminentes da época, catequista e naturalmente pregador. E alegue-se, além do mais, o verdadeiro interesse biográfico, histórico, e até mesmo literário e poético, das comovidas páginas que ele dedicou a Anchieta.

E, pois, em atenção a todos esses elementos, que incluímos no seu nome entre os dos escritores marcantes da primeira fase da vida do nosso país. Damos ao exalaudor de Anchieta um lugar ao lado do maravilhoso amigo dos índios. Pifaré assim, o biógrafo ao lado do seu biografado. É uma homenagem, e é um ato de justiça.

Quiricío Caxa nasceu em Cuenca, Espanha, e entrou para a Companhia de Jesus em 1559. Em 1563 embarcou para o Brasil, e não tardou a entregar-se ao ministério da pregação. Dois anos depois, era leitor, no Colégio, de casos de consciência, em 1572, além dos casos de consciência, ensinava teologia.

Seu prestígio era grande e sólido na Companhia, de tal forma que se afirmava em Lisboa, depois da morte da Nóbrega, só um sacerdote havia no Brasil apto a resolver casos de contratos e questões difíceis: era o Padre Quiricío Caxa.

A 1º de janeiro de 1574, com a presença dos dois governadores do Brasil, D. Luiz de Brito de Almeida, e Dr. Antônio Salema, fez Quiricío Caxa profissão de quatro votos. Durante a ausência do Padre Grego-

rio Serrão, que fora à Europa, ocupou ele o cargo de vice-reitor do Colégio da Baía. Tão prudente era o seu parecer, que com ele se aconselhava o visitador Cristóvão de Gouveia.

O fim da vida de Quiricío Caxa foi triste, ensombrado por dores e doenças. Supunha-se pouco estimado do Provincial Pedro Rodrigues, e isso agravava seus sofrimentos. Contudo essa impressão devia de ter sido errônea, pois, o Provincial lhe dava trabalhos delicados que revelavam a confiança que depositava nele, como a redação da biografia de Anchieta.

Faleceu o Padre Caxa na Baía a 18 de Fevereiro de 1599. "Foi de fato (disse o Padre Serafim Leite) exemplar, coroso, e um dos professores mais assíduos da Companhia".

FONTES SOBRE QUIRICIO CAXA

O nome de Quiricío Caxa não ocorre na grande fonte de informações bio-bibliográficas que tanto serve a Portugal e ao Brasil: o Dicionário de Início. Tão pouco ocorre (nem poderia correr) no Dicionário Bio-Bibliográfico de Sacramento Blake. A fonte de que nos servimos para a reconstituição da vida do ilustre jesuíta foi a *História do Companhão de Jesus no Brasil*, do Padre Serafim Leite. A notícia biográfica que encontramos relativamente ao Padre Caxa, no volume primeiro, pag. 65, daquela obra, é, cremos, a fonte única de que podemos dispor, no que se refere ao simpático biógrafo de José de Anchieta.

Outras fontes sobre Quiricío Caxa encontram-se nos dois livros do Padre Serafim Leite:

- *Páginas da História do Brasil* (Brasiliense, vol. 93);
- *Nova Cartas Jesuíticas* (Brasiliense, vol. 124).

EMIL LUDWIG

Ans 68 anos de idade faleceu em Ascona, na Suíça, o escritor Emil Ludwig. Chamava-se, em verdade, Cohn, e era filho de judeus. Adotara a crença cristã, e com ela o nome cristão, que usou, e com o qual se tornou célebre. Contudo, ao ser assassinado o ministro do Exterior da Alemanha Walter Rathenau, que era judeu, Ludwig voltou à Sinagoga.

Durante a primeira guerra mundial serviu como correspondente de guerra em várias capitais; na segunda, subindo o quanto os nazistas estimavam aspanhá-lo e metê-lo em seus abomináveis campos de concentração, fugiu para os Estados Unidos. Residiu aqueles tormentosos anos na Califórnia, e só regressou à Suíça (cuja nacionalidade obteve) depois de concluída a paz. Era ardente pacifista, esse escritor que poderia reivindicar para si o título não de cidadão suíço, porém de cidadão do mundo.

— Ao mundo inteiro pertenceu, e não a uma pátria restrita. Pertenceu ao mundo, por essa infinita curiosidade de coração

e de sensibilidade, que o levou a biografar, em seis livros figurais pertencentes a todos os povos e a todas as épocas. E pertenceu-lhe, sobretudo, por essa inacessível ânsia de ver todas as paisagens, de auscultar incessantemente a alma coletiva de todas as nacionalidades, que foi a sua.

Como Stefan Zweig, Ludwig se impôs a todos os meios espirituais do mundo por ser o mestre consumado do gênero mora- gráfico. E nessa posição — a do mais exímio biógrafo das grandes figuras históricas — que o havemos sempre de ler e de amar.

Ludwig teve ocasião de visitar o Brasil em 1936, sendo a 30 de setembro daquele ano recebido em sessão pública pela Academia Brasileira de Letras e saudado por Cláudio de Souza.

Pode-se dizer, sem exagero, que cada uma de suas obras constitui um êxito de literatura. Para a nossa língua estão traduzidas, entre outras, as seguintes:

— Julho de 1914 — Trad.

COLEÇÃO BRASILEIRA DE DIVULGAÇÃO
Série I Biografia N.º 2

José de Anchieta

POR

QUIRÍCIO CAXA

S. D. do M. E. S.

1946

Página de rosto do livro de Quiricío Caxa "José de Anchieta" — edição do Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1946.

SUMARIO

PAGINA 101:

- Notícia Sobre Quiricío Caxa.
- Bibliografia de Quiricío Caxa.
- Festeis sobre Quiricío Caxa.
- Emil Ludwig.

PAGINAS 102 E 103:

- José de Anchieta, por Quiricío Caxa.

PAGINA 104:

- Romário Martins.

PAGINA 105:

- História do Jornalismo no Brasil: Francisco de Sales Torres Homem.
- As Condecorações, por Francisco de Sales Torres Homem.
- Bibliografia de Francisco de Sales Torres Homem.

PAGINAS 106 E 107:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira Série — Poesia: Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.
- Notícia Sobre Ana Amélia.
- Bibliografia de Ana Amélia.
- Algumas fontes sobre Ana Amélia.

- Uma Vida.
- A Harmonia das Coisas e dos Seres.
- Sónetos para a morte.
- Mal de Amor.
- Serenidade.
- Amor.
- Bois.
- Humanidade.
- Aos meus versos.
- A Feiticeira (Heredia).
- Flor secular (Heredia).
- Um segredo (Felix d'Arvera).
- O remo quebrado (Longfellow).
- Os Poetas (Longfellow).
- A eterna canção (Rousseau Gérard).
- Descendo o Rio Doce.
- Autógrafo de Ana Amélia.

- Canto V da "Inferno" de Dante — Tradução de Dante Milano.

PAGINA 109:

- O Amazonas, de Ester Leão de Cunha Melo.

PAGINAS 110 E 111:

- A Vida dos Livros:

- O Corvo — V — Tradução de Cinagnolo Doria.

PAGINA 112:

- Poesias de Olavo Bilac (inéditas).

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendrá-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, no preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge no custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (8-6-1948).

José de Anchieta, por Quiricio Caxa

clades dos irmãos que estavam enterrados. Estava muito doente, devido a súbita dor no estômago, e só foi aconselhado a faze-lo deitado. Ele não queria deitar, alegou que era um sacerdote, que não podia deitar. Ele faleceu, que era um sacerdote, que não podia deitar.

MARSDAIO — Dessa mesma noite, procedeu muitas a votos aguardados, muitos nomes de São José, e São José acudiu com grandeza. Ele não respondeu com os atributos e encantos e simbólicos, excedente maneira para os apelos. Ninguém, nem a enfermeira, nem a ninguém, e circulou-lhe uma vez que parecia ter ódio a certa pessoa, respondeu que não era em sua vida soubra que essa certa queria mal a ninguém.

CONFIAÇAO EM DEUS — Della grande e constante em Deus, servido e confiante muitas vezes que São Benedito, com São João Batista, o Herói de perigos perigosos e lhe arduos a suas necessidades, quando todo o reino do mundo falava, e lhe dava saída e bom remate em negócios importantes que pareciam estavam perdidos; assim, nos perigos per grandes desafios, nunca desistiu, nem desistiu de morrer. Um seu amado escrevia no Pe. uma carta do que se passava. Andava o Pe. uma noite passando fogo da choupana e sendo chocado por algumas vizes, disse para os deuses: que os senhores e guardassem o meu quintal. Daí a perdeu chegar o escrivão de São Pedro, com o sacerdote. O Pe. para dentro e mandou sair o moro com o quintal de sua casa, dizendo que de propósito mandaria guarda para aquele escravo. A seu senhor mandou dizer que não morreria daquela. E assim foi.

OBEDIENCIA — Na obediência, fez sempre um esforço de todo, porque era bem mais pouca, sólamente uma coisa ordinária e comum, mas também nas Águas e Esperas e ai se refinava como por todo sua vida mostrava. Estando nhas aldeias do Espírito Santo, na coba de uma doença, o sacerdote, em casa da vila lhe mandou dizer, sem ter vergonha, que sua maria havia sido morta pelos franceses, indo para o reino. Vendo-a sua mãe tão desconsolada lhe disse: val-te confessar com o Pe. José, e atenta muito bem pelo que te disse. Depois da confissão lhe disse o Pe. que seu marido fôr roubado, mas que não era morto, que era redio viria e traria de volta.

Indo para dentro e mandou sair o moro com o quintal de sua casa, que morava na vila, e que se morava no quintal, paixão se perdia. Não queria, disso, agir no cocho da vila, deixar os manchados exemplo de desobediência. E assim era, porque a festa tinha particular humor e respeito.

HUMILDADE — Era humilde em grande maneira e verdadeira despedida ao sacerdote. Sempre andava pobemente vestido e calçado, frequentemente trazia uma roupa que era cortado para ele. Ainda que fosse sacerdote, que era provincial numas das suas caminhadas, pendentes longas de pinheiros, vestindo tantas coisas de que não raro podia ser invadido, nem cada vez tiveram nenhuma entrada, ou que por essa via prenderam valentes e superiores. Folgava com simplicidade, obediências e devotos, e bem devia ser por tal que com ele travava.

A POSSSE, ASPERZA — Daqui que nasceu a pobreza de espírito, que ele muito amava. Nunca teve nada. O mal pobre e velho brevíario e chapéu era o seu. Não tinha coisa nenhuma possuir, em que a cobrisse ou curiosidade se pudesse levar. E sendo para todos brusquissimo, para si só era aspergo, e sempre que se sentava, dava um tímido sorriso, e deitava os olhos para cima, e com a mão direita, que era a que mais possuía, apontava para o céu, e com a mão esquerda, que era a que mais possuía, apontava para o chão, e com a mão direita, que era a que mais possuía, apontava para o céu, e com a mão esquerda, que era a que mais possuía, apontava para o chão.

CAPITADE — De sua castidade, de todo dito o que basta é encantado.

MORTIFICACAO — Foi muito mortificado em suas patentes e de tal maneira se trazia suspensas, enfreadas e sujetas à razão, que nunca o desequilibravam, nem lhe causavam desequilíbrio em alguma coisa, por muita occasião que se oferecesse. Foi um grande vivo de paciência, que sempre se recolhia nas águas, nos rios, beira e encontros desportos que se ofereciam, como nas docinas que teve, foram muitas e graves. Em especial depois que a lenda foi correndo e as forças conseguiram a desfazer, sofrer suas dores e molestias com grandíssima quietude e paz, sem molesto a ninguém quanto ele foi.

DO ESPIRITO DE PROFECIA QUE PARECE TEVE

CAPITULO 12

Muitas coisas se contam deste ser de Deus neste gênero, que pôde que não todos dito singularmente, só podiam ser contadas e em que valia o tempo e luxo de que fizessem grandeza, e quase certeza moral de M. S. haver comunicado a este seu serro sobrenatural conhecimento.

mento de algumas coisas, que ele naturalmente não podia alcançar. Destas contou algumas, que provavelmente eram:

Vinde Pe. José para o Pe. Nogueira de Pintinhos para São Vicente e apanharam-se no caminho um homem muito engraçado, que fazia o que fazia, que fazia que dormia e deitava o conto as noites.

Festejou em Caxias da Mata uma pedreiro, assoviando uns sítios, disse ao Pe. Nogueira: Domine V. B. E respondeu que não, que não. Foi deitado no chão, e o Pe. Nogueira, que é um homem alegre, riu, e disse: que é deitado, que é deitado, que é deitado. E o sacerdote, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

Festejou em Caxias da Mata um homem alegre, que fazia o que fazia, que dormia e deitava os contos as noites.

HISTÓRIA DO JORNALISMO NO BRASIL

Francisco de Sales Torres Homem

Francisco de Sales Torres Homem nasceu no Rio de Janeiro a 29 de Janeiro de 1812.

Doutorou-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, e era seu propósito submeter-se a concurso para uma das cadeiras de professor nesse estabelecimento.

Iniciava-se, a esse tempo, nos trabalhos de imprensa, e de 1831 a 1833, foi redator de "O Independente".

Em 1833, esteve em Paris. E, enquanto se aperfeiçoava no estudo de algumas línguas estrangeiras, resolveu fazer o curso de Direito.

Foi ali, em companhia de Domingos Gonçalves de Magalhães, um dos redatores da revista "Nitro" (1836).

Voltando ao Brasil, foi admitido nos quadros da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, deleito membro do Conselho, dessa associação e redator da revista que ela publicava. Vacilou, a princípio, pois essas distinções lhe tinham vindo sem aquiescência prévia de sua parte. Por fim, aceitou-as. E, então, abandonando de vez os planos de se fazer professor de Medicina, dedicou-se por completo à vida pública.

Desde então, tornou-se uma das figuras centrais dos círculos políticos e jornalísticos do Império.

Em 1837, funda o "Jornal dos Debates", e se declara em oposição a Feijó.

Em 1838 e 1839, acham-se na "Aurora Fluminense". De 1839 a 1840, acham-se em "O Despertador". Em 40 funda "O Majorista", folha em que propagava a tese da maioria do Príncipe D. Pedro.

Foi em virtude da claridade e da veemência das atitudes dessa folha que, dois anos depois, sobrevindo os movimentos políticos de S. Paulo e Minas, Sales Torres Homem teve o seu nome arrrolado entre os elementos mais perigosos, e se viu condannado à deportação.

Em 1845, foi eleito deputado por Minas Gerais à 6.ª Legislatura; em 1848, pelo Rio de Janeiro à 7.ª Legislatura.

São de 1848 e 1849 os seus dois trabalhos que ficaram mais célebres, na ordem dos escritos políticos.

O primeiro desses panfletos é o volumoso de 50 páginas, intitulado "A Oposição e a Coroa". Trata-se de uma resposta a um outro panfleto do desembargador Firmiano Rodrigues Silva, que tinha como título — "Fagão nulica".

O segundo dos famosos panfletos de Torres Homem é o volume de 86 páginas, intitulado "Libelo do Povo", e assinado com o pseudônimo de Timandro.

O "Libelo do Povo" teve a sua história. Pertencia Torres Homem, em 1848, ao Partido Liberal, quando viu essa agremiação ferida pelo Governo do Império. Veliu-lhe um insopitável desejo de vingança, e nas páginas assinadas por Timandro, o poderoso jornalista abriu o processo de Pedro II e da casa de Bragança. A obra teve, logo, um êxito incomparável. Em todas as Províncias, a imprensa a reproduziu. Em Lisboa apareceram duas edições do livro — uma em 68, outra em 70. No Rio, em 85 aparecia

uma edição comentada por Anfrísio Flávio.

Desse trabalho o Imperador e todos os seus guardavam o mais profundo respeito. Magnanimo, e talvez cético, Pedro II fincou por perdoar as diatribes de Torres Homem. Conta-se que, anos depois, tendo que partir para a Europa, o jornalista foi ao Paço despedir-se. O Imperador o recebeu afavelmente. Então, animado pela cordialidade da real acolhida, Timandro expressou o desejo de despedir-se também da Imperatriz. Respondeu-lhe Pedro II:

— Não pense nisso, senhor Sales. Eu sou homem, e posso esquecer e perdoar: não só posso, como devo. Sou brasileiro e sei que o Brasil precisa de homens como o senhor. Mas a Imperatriz é mulher e não esquece. Demais, embora brasileira, hoje, ela não se esquece de que é uma Bourbon, e de que nasceu na Itália. Não se despeça da Imperatriz. Eu buscarei que, com o tempo, ela lhe perdoe...

Continuando em suas atividades de jornalista, Torres Homem trabalhou ainda na "Minerva Brasileira".

— e no "Correio Mercantil".

Nesta última folha, teve a companhia de José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco, e de José Maria do Amaral. Ali, em 1853, publicou os "Pensamentos acerca da conciliação dos Partidos" — série de artigos que lhe deu um fascículo de 28 páginas.

Pertencendo embora ao Partido Liberal, ele aderiu, nesses artigos, à tendência da conciliação dos partidos. Protagonista a tese em teoria, e a pós em prática, ao aceitar um cargo de chefe de uma das diretorias do Tesouro Nacional. Tanto buscou para que os seus correligionários o agredissem violentamente, considerando-o um transfuga. Simultaneamente, abria Torres Homem, no terreno financeiro, uma viva divergência com o chefe liberal Souza Franco, a aceitava a orientação conservadora da Itália.

Via-se, assim, naturalmente expulso das fileiras liberais para as conservadoras.

Foi eleito, então, epis

novos correligionários — era isso em 1857 — Deputado pelo Rio de Janeiro.

Acostou, no ano seguinte, fazer parte do Gabinete Abaete, cabendo-lhe a pasta da Fazenda.

Mais tarde — em 1870 — foi eleito senador pelo Rio Grande do Norte.

No mesmo ano de 1870, no Gabinete do Visconde de S. Vicente, voltou à pasta da Fazenda. Teve papel de destaque para a consecução da grande lei que passou à história com o nome de "Lei do Ventre Livre".

Realmente, examinando o processo histórico dessa lei, Joaquim Nabuco, no "Estado do Império", assim distribui justos lauréis: em primeiro lugar, a D. Pedro II; logo depois a Rio Branco; a seguir, a S. Vicente e Nabuco de Araujo; e, final, a Teixeira Junior, João Alfredo, Souza Franco e Torres Homem. Referindo-se, particularmente, à contribuição que para o debate deu este último — "um discurso com a forma ciceroniana do diálogo" — diz Nabuco: "Será (este discurso), o mais belo ornamento do debate, e servirá, decorado e repetido, pelas novas gerações, de elo intelectual imaginativo entre a lei de 1871 e a de 1883".

Torres Homem exerceu, em várias fases da vida, outros cargos, como o de secretário de Legação e o de encarregado de Negócios em Paris; e o de presidente do Banco do Brasil. Foi, em 1866, conselheiro de Estado. Pertence ao Instituto Histórico Brasileiro e ao Instituto Histórico da França.

Em 1872, por Decreto de 15 de outubro, lhe concedeu o título de Visconde de Inhomirim.

Faleceu em Paris, em 3 de julho de 1876.

M. L. 29-1-46.

BIBLIOGRAFIA DE SALES TORRES HOMEM

— A oposição e a Coroa. Rio, 1848, 50 páginas. É um panfleto político, em resposta ao de desembargador Firmiano Rodrigues da Silva, Fuzado Autônico.

— Libelo do Povo. Por Timandro. Rio, 1848, 80 páginas, em 8º. Teve numerosas outras edições, no Rio e em todo o Império.

— Pensamentos acerca da Conciliação dos Partidos. Rio, 1853, 38 págs., em 4º, p. de 2 colunas. São artigos antigos publicados no Correio Mercantil.

— Questões sobre impostos — Rio, 1856, 76 págs., em 8º.

— Ao Partido Constitucional (Pernambuco, s. d.) 38 páginas em 12º.

— Relatório apresentado à Assembleia Geral dos acionistas do Banco do Brasil (1867, 1869) Rio, 1867 a 1869, 3 vols., em folio de 18, 21 e 17 págs., com mapas e documentos.

— Elemento Servil. Discurso pronunciado na sessão de 5 de setembro de 1871. Rio, 1871, 15 págs. in 4º.

FONTE SOBRE F. DE SALES TORRES HOMEM

— Argeu Guimarães — Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro.

— Encyclopédia e Dicionário Internacional.

— Henrique Perdigão — Dicionário Universal de Literatura.

— Inocência — Dicionário bi-

CICERO DIAS

Visitou o Rio de Janeiro o grande pintor moderno Cícero Dias. Fizera uma exposição de seus quadros em Pernambuco, e obteve o maior êxito. Vindo para o Rio, aqui fez também uma exposição de seus principais trabalhos. O salão da Escola das Belas Artes, onde se realizou a sua exposição, esteve sempre cheio de pessoas que se interessavam pela pintura moderna. Muitas dessas pessoas — é claro — têm um interesse por assim dizer negativo, pois, como se sabe, a arte abstrata e arbitrária de Cícero Dias é o que pode haver de mais desnorteante para os admiradores da pintura regular e bem composta.

ANIBAL MACHADO E PERNAMBUCO

Recentemente — por motivo da inauguração da exposição de pintura de Cícero Dias — o escritor Aníbal Machado foi passar alguns dias na Recife. João Ternura voltou da capital pernambucana encantado com o ritmo de progresso e de cultura que ali observou.

As publicações seguidas de Autores e Livros

Alema da História da Literatura Brasileira, parte principal dessa revista, das Antologias da Literatura Brasileira Contemporânea, em verso e prosa, da Página dos Autores Novos e de A Vida dos Livros, seções constantes, que remontam à primeira fase de AUTORES E LIVROS, temos em nossas páginas várias outras publicações em caráter contínuo. São elas:

— Cronologia da Literatura Brasileira.

— Tradução d' "O Corvo", de Edgar Poe.

— Cartas de Joaquim Nabuco a Graciosa Aranha.

— Poesias inéditas de Bileac.

— Álbum de Guignard. (Desenhos).

ROMARIO MARTINS

(Continuação da página 104) taria, demonstrada na geografia política do sul do Brasil — 1910.

— Documentos Comprobatórios dos Direitos do Paraná na Questão de Limites com Santa Catarina, 2 volumes, colecionando 47 documentos obtidos por cordial do Arquivo Público de São Paulo. Com a reprodução de um antigo planisfério elucidativo da divisão "do orbe gentílico" entre Portugal e Espanha. — 1915.

— O que em fárias se joga adiogado, rascunho de embargos à sentença do Supremo Tribunal Federal na questão de limites entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. — 1915.

— O que é o Paraná (3 edições) — 1915.

— O Livro do Mate, estudo histórico, botânico e estatístico da erva mate — 1916.

— Alguns Aspectos do Paraná — 1918.

— A Desastrosa das Pichões e a Florestação Industrial do Paraná — 1919.

— Como se fizer a nossa Independência — 1920.

— Mapa do Estado do Paraná, na escala de 1:1000000, abrangendo o Estado de Santa Catarina — 1919.

— Mapa Geral do Paraná, na escala de 1:1000000. — 1921.

— A Bandeira da República dos EUU. do Brasil. — 1921.

— Biográfico português — vols. 3º e 9º.

— Joaquim Nabuco — O Estado do Império, pará.

— Sacramento Blaize — Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro.

— Schmidt de Vasconcelos — Arquivo Nobiliárquico brasileiro.

— Silvio Romero e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira, páginas 468.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Primeira serie — Antologia da Poesia

XXXIII - Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça



Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.

UMA VIDA

Passo no mundo como tudo passa,

Que todos os destinos são iguais.

Vida! não é igual à nuvem de fumaça.

Que depressa se esvai, como te esvai...

Como os outros, eu sorvo a minha taça,
Em que há gotas amargas e fatais;
E entre o bem que promete e o mal que ameaça,
Minhas canções espalho e ergo meus ais.

Nada ambiciono, como em nada creio.
Sei que no eterno ardor da eterna lida
Tudo continuará quando eu me for.

Odios não levarrei dentro de si,
Porque eu resumo tóda a minha vida
Nuns pobres versos e num grande amor.

A HARMONIA DAS COISAS E DOS SERES

A harmonia das coisas e dos seres
Está no sacrifício e na compensação.
Sem dor não há prazer.
Nem corolas ao sol nem raízes no chão.
E' preciso que exista.
Uma lágrima atenta aos olhos de quem ri.
E' preciso que alguém sofra e resista.
Ao desejo que inflama.
Para que o fábio de quem ama
Só por amar,
E beija só com a boca.
Sem que a alma sintia o beijo,
Possa cantar, numa alegria louca,
Sempre menor que a dor de quem soube calar.
E' preciso que alguém se sacrifique
Pela felicidade de outro ser.
E' preciso que sempre alguém abdique
De tudo que sonhou
Daquilo que mais julga merecer,
Para que outro se exalte e glorifique
No delírio radicado de colher
O fruto que esse pranto amaduro.
A harmonia da vida é um canto doloroso.
Cada nota, malia viva abafa um si.
Rison, clarinho delícios de alegria,
Palmas, valaidades, ambições,
Todo o cortejo luminoso
Das conquistas que embragam corações,
Gloria, prazer, felicidade,
Tudo se val, tudo se vai
E deixa na alma bem marcado
O contraste fatal:
A todo bem, sonhada ou conquistado,
Corresponde uma dor, uma sombra do mal.

Quando penso no amor que me foi dado,
Na grandeza do sonho que sonhei
Na ventura que tenho desfrutado,
No meu presente, no meu passado,
Na confiança que tenho e que ainda terrei,
Minha alma se debate na tortura
De procurar eu mesmo responder
Por esta luz, serena que ilumina,
Por esta graça de ventura,
E tentar compensar
A dor, a felicidade que deixa no vazio,
E reportar a antena

Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça nasceu nesta cidade e é filha do engenheiro José Joaquim de Queiroz Júnior, pioneiro da indústria do ferro no Brasil.

Foi eleita, em 1928, Rainha dos Estudantes do Rio de Janeiro. Por essa época fundou a Casa do Estudante do Brasil, de que é presidente vitalícia.

Foi eleita, em 1928, Rainha dos Estudantes do Rio de Janeiro. Por essa época fundou a Casa do Estudante do Brasil, de que é presidente vitalícia.

E' membro do Conselho da Associação Brasileira de Educação, de que foi presidente no biênio 41-42. Faz parte do Conselho da Associação dos Artistas Brasileiros. Ocupa a vice-presidência da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. Pertence ao P.E.N. Clube do Brasil, ao Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão brasileiro da UNESCO. Foi recentemente eleita vice-presidente da Fédération Internationale des Organisations de Correspondence et Exchange Ecclésiologique. Em 1935 foi nomeada pela presidente da República delegada oficial do Brasil em Istambul, na Turquia. Nessa ocasião foi nossa

Deste campo fecundo,
Pegando eu mesma pelo mundo,
Em sacrifício, em compaixão,
O meu tributo de sofrimento,
Vivendo a dor dos infelizes
Que talvez sejam as raízes
Do grande sonho que floresce
No meu glorioso coração.

SONETO PARA A MORTE

Quero morrer sem que se desluda
Este sonho de doce encantamento.
Sem que o tempo, que tudo estraga e muda,
Transforme em treva este deslumbramento.

Quero morrer antes que fique muda
Esta espontânea voz do sentimento.
Antes que a dor, em vendaval, sacuda
A ramaria em flor do pensamento.

Quero que a morte venha imprensada,
Para levar-me em sonho, num transporte,
E que à hora da extrema despedida,

Este amor que vibrou soturno e forte,
Como um clarim glorificando a vida,
Cante em surdina e me acalente a morte.

SERENIDADE

Para atingir esta serenidade,
Esta calma alegria de viver,
Renunciou ao fúgor da mocidade
E a tudo quanto é frívolo prazer.

Amei seu devaneio e seu vaidade,
Pondo no meu amor todo o meu ser,
E pude achar uma felicidade
Que muita gente acha sem saber.

A glória não sonhei, que a não mereço.
Se algo valeu meus versos, nada eu valho,
Que como os tiro da alma os ofereço.

Longe de tudo o que perturba e engana,
Em meu amor, serena, eu me agnaldo,
E fago dele a minha glória humana.

AMOR

Para buscar a essência da verdade
Acendi meu espírito em clarão,
E para os astros, para a imensidão,
Entendi minha frágil ambição.

No delírio da minha insaciabilidade
Fix de meu sonho uma interrogatória.
E num requinte de curiosidade
Discrepou o meu pródigo coração.

Era Mo fáci-a respostas. Achava-a
No fundo d'ela, como um grão de areia
Que o sol transfigurasse de fulgor.

Nesta palavra clara e inconfundível
Que espelha a alma e morte e vida e vida,
Que tudo encerra, a tudo expõe.

BIBLIOGRAFIA DE ANA AMÉLIA

— *Esperanças* — (Recordações da Infância) Librairie Garnier Frères, Paris, 1911, 96 páginas.

— *Alma* — (Versos) Empresa Brasil Editora — Rio, 1922, 177 págs.

— *Ansiade* — Of. Gráf. da Empresa Brasil Editora — Rio, 1928, 143 págs.

— *A Harmonia das Coisas e dos Seres* — Irmãos Pentelei — Rio, 1936, 100 págs.

— *Mal de Amor* (Versos) — Lit. Fluminense, Rio, 1939. Capa

— *Aspectos da Arte do Brasil* — Conferência no Instituto de Estudos Portugueses, em 23 de setembro de 1946.

— *Escritores e Poetas Brasileiros* — Conferência.

— *Dois meses entre os americanos* — Conferência na Casa do Estudante — Rio, 1947.

Tem inúmeras outras conferências.

ALGUMAS FONTES SOBRE ANA AMÉLIA

— Alvaro de Las Casas — *Ana Amélia* (Guia dos Universitários Brasileiros) — 1940

— E' a 2.ª edição.

— Henrique Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura*.

— João Ribeiro — *Ansiade*.

— *Jornal do Brasil*, 20-4-927.

— Maria Jacinta — *A Harmonia das Coisas e dos Seres*.

— Mário Leão — *Ansiade*.

— *Jornal do Brasil*, 23-1-1927.

— *A Harmonia das Coisas e dos Seres* — Idem — 8-1-1937

— Valdo Soriano — *Dicionário bio-bibliográfico*, volume 1.º.

BOIS

Bem cedo, antes da sol, o caboclo desperta,
Ata a pesada canga ao pescoço das boi,
Joga a madeira ao carro, ergue o agulhão; depois
Segue a poenteira estrada inhóspita e deserta.

Velhos bois, toca a andar, pobres entes que sola;
A viagem será longa e de demora incerta.
Arde o sol sobre vós — uma fornalha aberta,
Ide, bons animais, devagar, dois a dois.

Velhos bois, toca a andar, pobres entes que sola;
A viagem será longa e de demora incerta.
Arde o sol sobre vós — uma fornalha aberta,
Ide, bons animais, devagar, dois a dois.

Como vós, pobres bois, tão fortes na desgraça,
Muita gente há que nasce e luta e vive e passa
Sofrendo sem cessar e sem saber porque.

HUMANIDADE

Homem que tens na terra e a inesgotável messe
De alegria e de dor, de virtude e de mal,
Colhe, em vez de provar o fruto que apetece,
O trigo que há de ser seu pão espiritual.

No anseio do saber ou no enlevo da prece,
Conquista o alto do Olimpo ou o mistério do Grael.
Banha-te, Prometeu, na luz que os sols aquece,
Prega, o bem, prega a fé, glorioso Parsifal.

Em vão dest'arte fala à fraca humanidade
Uma soturna voz que vem de idade a idade
Vibrando dentro em nós num íntimo clamor.

O homem continuará, em sublime holocasta,
Sonhando sempre em vés, trecento como Fausto,
A vida, a glória, o ideal, por um pouco de amor.

AOS MEUS VERSOS

Quando vos escrevi, versos apaixonados,
Traduzindo este amor, este encanto, esta luxo
Esta forte emoção que no meu ser produz
O sobrehumano olhar de uns olhos bem amados;

Nem uma vez sequer, pobres versos, supus
Que aquela ardente olhar em que eram inspirados
Viesse a posar em vés como pouca nos prados
O quente olhar do sol que no alto céu reis.

Quanta emoção senti — que frêmito esguio,
Vendo entre as suas mãos o que a minha escrevera
Cheia de inspiração deste amor infinito...

Somos felizes, sim. Felizes vés e eu;
— Eu me sinto feliz por vos haver escrito:
Mais felizes sois vés que o meu Amor vos tem.

MAL DE AMOR

Dida pena de amor, por mais que dida
No próprio amor encanta, recomponha,
As lágrimas que causa a indiferença
Saca-as deprimida, amea-palavra-ba.

A mal que tem, o forte que agride,
O que o amor que encanta, recomponha,
As lágrimas que causa a indiferença
Saca-as deprimida, amea-palavra-ba.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Primeira serie — Antologia da Poesia XXXIII - Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

Ai de quem muito amar não sendo amado,
E depois de sofrer tanta amargura,
Pela mão que o feriu não foi curado...

Noutra parte há de em vão buscar ventura:
Pica-lhe o coração despedaçado,
Que o mal de Amor só nesse Amor tem cura.

A FEITICEIRA Heredia

Em toda parte, até nos altares sagrados,
Vejo-a que por mim chama e aços traços me lança.
Pai venerável! Mãe que me embalou criança!
De uma execrável raça expõe hoje os pecados?

O cumprido não quis, na sede da vingança
Os mantos sacudir ao solo, ensanguentados.
E eu fui, sem querer, exausto, os pés cansados:
E dos sagrados céus o rudo uivar me alcança.

Aonde vá, sinto, aspido, a iniquí mesmo odioso,
O sinistro feitiço, o encanto tenebroso
Com que, dos Deuses ainda, a céleste me esmagá.

Pois puseram-lhe os céus, como supremo encanto,
Esses olhos de sombra e essa boca que embraga,
Armando contra mim seus beijos e seu pranto.

O TREBBIA Heredia

Uma sinistra aurora os cémos ilumina.
O acampamento acorda. O rio, caudaloso,
Descedente o esquadrão dos Numidas, fogoso.
Sôa em roda um clangor sonoro de busina.

Pois, meu grado Scipião, augúrios de má sôa,
O Trebbia a encher, e a chuva, e o vento a uivar, ralveso
Sempronius Consul fêz, da nova glória cioso,
Os lótoes seguir a marcha peregrina.

Avermelhando o céu, quais lúgubres candeias,
Quemavam na horizonte as pequenas sôdeias.
Ouvia-se à distância o berro do elefante.

E além, no arco da ponte o corpo recostando,
Habia cisma, a sôa, pensativo e triunfante.
E ouvia o surdo tropel das legiões marchando.

FLOR SECULAR Heredia

Na calcinada rocha, altissima e longeiva,
Onde o fluxo de lava extinguiu-se, a semente
Que só no Qualatiere o vento na aza leva,
Germava, frágil planta e arrasta-se, paciente.

Cresce. A humilde râa mergulha pela treva;
O tronco busca a chama obscura que o alimente;
E com anos depois, finalmente se eleva
O colossal botão que verga a haste tremente.

Enfim, no ar que arde e queima e eleinda mais inflama:
Sob o platô enorme abre-se em flor de chama
E longe o polêm lança ao sol que o coloriu.

E a grande sôdeia, que ostenta a flor vermelha e rara,
Para o ignoto homem que o seu amor sonhara.
Num século de vida, uma só vez floriu.

UM SEGREDO Felix d'Arvers

Tem est'alma um segredo, esta vida um mistério:
Um amor imortal: n'um dia concebido;
E n'um-seu esperança e em silêncio funerário.
Daquele que o causou guarda-o desconhecido.

Ai! passarei assim sempre despercebido,
Sempre a seu lado e só como num breuário...
E andarei pela vida e irei ao cemitério.
Nada custando pedir, nada tendo colhido.

Ela, porém, que Deus fôr meiga e delicada,
Seque distraidamente e não ouve na estrada
Um murmurio de amor sob os passos que dâ.

Sempre fui no dever pelo qual se desvela,
Dirá: "em um dia ler meus versos cheios dela:
"Mas quem é tal mulher?" E não compreenderá.

O REMO QUEBRADO Longfellow

Centro dia da Infânsia em plena solitária,
Na escuridão, aí meus, lavando o lirro e a pena,
Numa cama de ramos; auto-fazendo escravo;
Quando fui aí meus, aí meus, aí meus.

Sculpava a seus pés cada onda tumultuária.
Os pássaros cortando o seu da tarde aterrâa,
Passavam, lento, no ar. Do poento a rubra cena
Iluminava o mar de luz extraordinária.

Pelas ondas, então, foi à praia trazido
Velho remo quebrado, em que ele a custo leu:
"Quantas vêtes contigo eu cancei de lutar!"

E como quem encontra o que julgou perdido.
Essa fáscia traçou, nos céus a fronte ergueu
E tremulo uirou a inútil pena no mar.

OS POETAS

Longfellow

Poetas mortos que vivem por ês,
Grandiosos cantos immortalizados;
E vés, poetas vivos que morrestes
No abandono que mata desprezados;

Dizel, nas horas em que mais sofrestes,
Quando tinheis — de espinhos coroados —
As frontes golejando sobre as vestes
Não destes vos por bem cumprir os fados?

Sim! Porque o dom e o culto da poesia
Tem qualquer coisa tão divina e doce
Que surviu esta vida merecória.

Não no aplauso da rua, que glória,
Não no clamor do mundo — maior fôrse?
Mas em nós mesmos há derrota e glória.

A ETERNA CANÇÃO

Rosemonde Gérard

Quando tu fôres velho e eu também já for velha,
E os meus louros anéis forem brancos e escassos,
Em Maio, no jardim, do sol à luz vermelha,
Iremos aquecer os velhos membros lassos.
E como é a primavera alegre que começa,
Teremos outra vez de novos os carinhos.
E tu sorris-te-hel, feliz, balançando a cabeça,
E que adorável par faremos de velhinhos!
Fitar-nos-hemos bem e a essa viva centelha
Iluminar-se-ho os nossos velhos traços.
Quando tu fôres velho e eu também já for velha,
E estes louros anéis forem brancos e escassos.

Ao nosso banco amigo, então velho e musgado
Viremos como outrora, alegres, conversar.
Teremos um prazer tão terro e delicioso.
A frase muita vez num beijo há de falar.
Quantas vêtes te disse o meu amor ardente
Havemos de contar, num cuidadoso ardor.
Relembremos tudo, a rir, alegremente,
Mil colinhias gentis, detalhes sem valor.
Um ralo há de descer rosado e cariçoso,
Sobre o cabelo branco, ardente, há de pousar.
Quando a esse banco amigo, então velho e musgado
Viremos, como outrora, alegres, conversar.

E como cada dia te amo mais, querido,
Hoje mais que ontem; menos que amanhã, porém.
Que importa ter entô o rosto envelhecido?
O meu amor far-se-á mais severo também.
Pensa que cada dia é uma nova lembrança,
E as que tu teres um dia as tuas há de ser;
As lembranças comuns que o passado nos lança,
Virão cada vez mais-nos unir e prender.
Seremos velhos; sim, o corpo enfraquecido,
Mas temendo-te a mão hei de apertá-la bem.
Porque, vê, cada dia eu te amo mais, querido.
Hoje mais que ontem; menos que amanhã, porém.

Do nosso amor que passa — um sonho doce e leve
Tudo eu quero guardar dentro do coração.
Conservar, se se pode, esta impressão tão breve
Para a saborear depois, com lentidão.
Tudo o que dêis vem escondo, como avaro.
Guardo para a velhice o meu grande tesouro
E seré rica, então, de uma riqueza rara;
Do meu jovem amor terei guardado o ouro.
Deste sonho feliz — cumpre que o tempo o leve
A memória dar-me-a grata recordação
E deste amor que passa — um sonho doce e leve,
Tudo eu quero guardar dentro do coração.

Quando tu fôres velho e eu também já for velha,
E estes louros anéis forem brancos e escassos,
Em Maio, no jardim, do sol à luz vermelha,
Iremos aquecer os velhos membros lassos.
E como é a primavera ardente que começa,
Oremos-nos-nos num tempo exótico para nós.
E tu sorris-te-hel, feliz, balançando a cabeça,
E tu me falardes de amor, tremente a voz.
Fitar-nos-hemos bem e a essa viva centelha
Iluminar-se-ho os nossos velhos traços.
Quando tu fôres velho e eu também já for velha;
E estes louros anéis forem brancos e escassos.

O SALTO

Ao ver-te hoje saltar para um torneio atlético
Serei, forte, audaz, como um vulto da Ilha.
Todo o meu ser vibrou num impeto frenético,
Como diante de um grego, herói de uma Olimpíada.

Estremeci fitando esse teu porte estético
Como diante de Apolo estremecerá a diada:
Era um conjunto de arte esplendorosa e poético.
Enredo e inspiração para uma heliconiada.

No cenário sem par de um pálido crepúsculo,
Tu te largaste no ar, vibrando em cada músculo.
Por entre a acentuação da massa, entulística.

Como uni deus a baixar do Olimpo, airoso e lúpido,
Tocaste o solo enfim, glorioso, ardente, intrépido.
Belo, na perfeição da grega e antiga plástica.

BALADA

Na velha torre que ainda existe,
Do seu castelo amplo e feudal,
Vivia outrora, loura e triste,
Uma princesa medieval.
Debaixo, pela redondeza,
Mais de um fidalgo quis depor
Aos pés da pálida princesa
A sua espada e o seu amor.

Viveira ao alto, a longa em riste,
Passa um guerreiro altivo e leal.
Vê a princesa loura e triste
No seu balcão branco e ogival.
Por conquistá-la com nobreza
Jura vencer seja o que fôr.
E ela repele com frieza
A sua espada e o seu amor.

Porque, princesa, um dia ouviste
Aqueles vos sentimentais?
Porque sonhaste, loura e triste,
O lindo sonho que é ter mal?
Porque tua alma ficou preta
Aquele pálido cantor
Que te ofertou com singeleza
A sua espada e o seu amor?

Guerreiro ou herói, de alta proza,
Torna-te bardo ou trovador,
Para ofertar a uma princesa
A tua espada e o teu amor.

A CAMINHO DO RIO DOCE

Vamos andando para a distância,
Segundo o rio, segundo o rio,
Beirando a margem do Rio Casca,
Buscando o leito do Rio Doce.
A nossa marcha para mais longa
Parece a marcha do Rio Casca
Que vai rolando, dentro das horas,
Buscando as águas do Rio Doce.

Margens escuras de terra feia,
Margens sôbre de areias claras...
Homens escuras dentro da areia
Buscam falsas de areias raras.
Homens encuros, na margem feia,
Batem a terra numa batela,
Batem a areia do Rio Casca.

Vamos seguindo para mais longa,
Pelo destino do Rio Casca.
Para o mistério do Rio Doce.
Vamos seguindo a águas de rio,
Olhando os homens de mãos escuras,
De pernas negras no lodo-escuro,
Sempre à procura da areia de ouro.

As águas negras lá vão rolando,
Buscando as águas do Rio Doce.
Os homens negros ficam sonhando,
Buscando o ouro como se fôssem.
A própria vida que estôo buscando:
Vida mais clara, vida mais doce.
Lá vão as águas sempre rolando.
Lá estôo os homens sempre sonhando.
E que seria de águas e de homens
Se fossem, não fôssem?

*Com a Pômelis de
Ana Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça*

Autógrafo de Ana Amelia

CANTO V DO "INFERNO", DE DANTE

Sei o molto que custa e o pouco que vale o esforço, entre os vários festos em nossa língua para traduzir o mais célebre canto de amor, os terríveis tormentos em que perpassa o frémido da alma paixão que se tornou imortal. Para mim, este trabalho teve mais que a esperada recompensa num profunda compreensão do texto, estudo da palavra por palavra, verso a verso; o poema brilhou, esplorando seus raios, por cujos reflexos me senti tocado. Tanta beleza nuncas poderia ser paga; é obra de graça, como a vida que nos foi "dada". E' manifesta a dificuldade de transferir de uma para outra língua certas intraduzíveis obras-primas. E' enorme a diferença entre o idioma forte e áspero de Dante e a nossa língua simples, de índole branda. Para evitar más interpretações, deve dizer que, longe de pretender menoscabar o nosso idioma, considero-o mais agradável de todos pela sua natural suavidade e sua pobreza cheia de gárcia; em sua simplicidade característica reside justamente a sua beleza, — não obstante possa tentar, como em Filinto Elísio e Odorico Mendes, um vocabulário imenso mas inútil, que me parece superfílio e não uso empregar.

Certo, o vigor musical porém áspero do idioma dantesco se dilhe na clara transparência do verbo português; de sorte que as palavras, traduzidas embora em palavras rigorosamente equivalentes, provocam, pela mera mudança de tonalidade, reações diferentes. Exemplifico: as cantantes e nítidas terminações em *tt* palatalis — fatalità, tutto —, e por outro lado, a pronunciada acentuação silábica, a rugidora pronúncia dos rr. (Dante pode ser cognominado o "poeta do r") contrastam com a docura do nosso idioma de pronunciação branda. Assim o épico torna-se lírico.

Asquelas palavras que na boca de Dante são de um vigor fortíssimo, como no verso célebre: "La bocca mi baciò tutto trammante", transportadas para a nossa língua tomam um ar de brandura, que não muda o sentido mas altera e suaviza a ação: (ao pé da letra: A bôca me beijou todo tremente, — ou "Todo trémulo a bôca me beijou"). Ou ainda, como preferi traduzir, por achar mais de acordo com o ritmo e a intensidade lírica, mais fortes que o próprio sentido das palavras: "Beijou-me a bôca, trémulo, ofegante".

Creio que o "certo" não seria traduzir "italianizado", e forçando a nossa língua, mas, obediente à sua índole suave, adaptar o verso, procurando escrevê-lo "do modo por que Dante o faria se escrevesse em português", — isto é, tirando o máximo partido da língua, que é sempre a primeira lei do verso.

O que fiz, pois, traduzindo o que considero intraduzível (de nenhum modo me satisfazia a mera versão em prosa, pois a maior traição que se pode fazer no verso é traduzi-lo em prosa), foi "imitar" o mais possível, acompanhando o ritmo do verso sem todavia alterar-lhe a significação, guardando a forma da "terça-rima" e seguindo, como uma onda atrás da outra, o contorno das frases, na intenção de que o leitor possa, de verso em verso, sentir, assimilar, penetrar, em sua máxima, a estranha beleza desse Canto que é uma das mais raras e sutis criações do gênio humano. Segundo o mais possível a letra do texto, fiz tudo para que não se sentisse o tradutor e sim o autor.

Por mais falho, por mais incompleto que tenha sido o meu esforço, sou grato aos momentos que me proporcionou a tradução desse poema, o que foi como se eu desse um mergulho nas trevas mas saisse lavado de poesia.

TEXTO ITALIANO

Così discesi del cerchio grimalo
giù nel secondo, che men luogo cinghia,
e tanto più dolor, che punge a guado.

Stavvi Minos orribilmente, e ringhia:
essamina le colpe ne l'entrata;
giudica e manda secondo ch'avvinghia.

Dico che quando l'anima mal nata
li vien dinanzi, tutta si confessa;
e quel conoscitor de le peccata.

vede qual luogo d'inferno è da essa:
cignesi con la coda tante volte
quantunque gradi vuol che giù sia messa.

Sempre dinanzi a lui ne stanno molte:
vanno a vicenda ciascuna al giudizio;
dicono e odono, e poi son giù volte.

"O tu che vieni al doloroso ospizio",
disse Minos a me quando mi vide,
lasciando l'atto di cotanto offizio,

"guarda com'entrî e di cui tu ti fide:
non l'inganni l'ampiezza de l'entrata!"
E' d'ucciso mio a lui: "Perché pur gride?"

Non impedir lo suo fatale andare:
vuol'si così colà dove si puote
cio che si vuole, e più non dimandare".

Ora incomincian le dolenti note
a farmisi sentire; or s'è venuto
là dove molto pianto mi percuote.

Io venni in luogo d'ogni luce muto,

Tradução de DANTE MILANO

che mugghia come fa mar per tempesta,
se da contrari venti è combattuto.

La bufera infernal, che mai non resta,
meno il s'pirto con la sua raphia;
voltando e percorrendo il molestia.

Quando giungen davanti a la ruina,
quivi le strida, il complanto, il lamento;
bestemiasan quivi la virtù divina.

Intesi ch'a così fatto tormento
nel secondo, che men luogo cinghia
che la ragion sommettono al talento.

E come il stornel ne portan l'ali
nel freddo tempo a schiera larga e piena,
così quel stilo li spiriti mali —

di qua, di là di giù di su li mena;
nulla speranza li conforta mal,
non che di posa, ma di minor pena.

E come i gru van cantando lor lai,
facendo in aere di se lunga riga,
così vidi venir, trendo qual.

embre portate da la detta briga;
per ch'ldissi: "Maestro, chi son quelle
genti che l'aura nera si gastiga?"

"La prima di color di cui novelle
tu vuo'saper" mi disse quelli allotta,
"fu imparadice di molte favelle.

A vizio di lussuria fu si rotta,
che libito fé lecito in sua legge
per torre il blasimo in che era condotta.

Elli" è Semiramis, di cui si legge
che succedette a Nino e fu sua sposa;
tenen la terra ch'el Soldan corregge.

L'altra è colci che s'ancise amorosa
e ruppe fede al ceter di Sicheo;
poi è Cleopatra lussuriosa.

Elena vedi, per cui tanto reo
tempo si volse, e vedi il grande Achille
che con amore al fine combatteo.

Vedì Paris, Tristano"; e più di mille
ombre mostrommi, e nominommi, a dito
ch'amar di nostra vita dipartille.

Posein ch'io ebbi il mio dottore udito
nomi le donne antiche e' cavalleri,
pietà mi giunse, e fui quasi smarrito.

I' cominciai: "Poeta, volontier
parlerei a quei due che 'nsieme vanno,
e paion si al vento esser leggieri".

Ei' ellì a me: "Vedrai quando saranno
più presso a noi; e tu allor li prega
per quello amor che i mena, ed ei verrano".

Si tosto come il vento a noi li piega
mossi la voce: "O anime affamate,
venite a noi parlar, s'altri nel nlega!"

Quali colombe dal disio chiamate,
con l'ali alzate e ferme al dole nido
vegnon per l'aere dal voler portate;

colati uscir de la schiera ov'è Dido
a noi venendo per l'aero maligno
si forte fu l'affettuoso grido.

"O animal grazioso e benigno
che visitando vai per l'osere perso
noi che tingemmo il mondo di sanguigno,

se fosse amico il re de l'universo,
noi pregheremmo lui de la tua pace.
per ch'hai pietà del nostro mal perverso.

Di quel che udire e che parlar vi place,
noi udiremo e parleremo a voi,
mentre che l'vento, come fa, si tace.

Siede la terra dove nata fui
su la marina dove 'l Po discende
per aver pace coi seguaci sui.

Amor, ch'al cor gentil ratto s'apprende,
prese costui de la bella persons
che mi fu tolta, e 'l modo ancor m'offende.

Amor, ch'a nullo amato amar perdoná,
mi presa del costui placer si forte,
che, come vedi, ancor non m'abbandona.

Amor condusse no ad una morte:
Caina attende chi a vita ci spense".
Queste parole da lor ci fur porle.

Quand'io intesi quell'anime offese,
chinai'l viso, e tanto il tenni basso,
fin che 'l poeta mi disse: "Che pensa?"

Quando risposi, cominciai: "Olt' lasso,
quanti dolci pensier, quanto diaño
meno costoro al doloroso passo!"

Poi mi rivolsi a loro e parlaio,
e cominciai: "Francesca, i tuoi martir
a lasciar mi fanno tristo e pio.

Ma dimmi: al tempo d' dolci sospiri,
a che e come concedette amore
che conosceste i dubbiioso desiri?"

E quella a me: "Nessun maggior dolore
che ricordarsi del tempo felice,
ne la miseria; e ciò sa'l tuo dottore.

Ma s' a conoscere la prima radice
del nostro amor tu hai contato affetto,
farò como colui che piange e dice.

Noi leggevamo un giorno per diletto
di Lancialotto come amor lo strinse:
soli eravamo e senza alcum sospetto.

Per più fiate li occhi ci sospino
quella lettura, e scroccci il viso:
ma solo un punto fu quel che ci vinse.

Quando leggemo il disiato riso
esser baciato da' cotanto amante,
questi, che mai da me non fia diviso,

la bocca mi baciò tutto tremante:
Galeotto fu il libro e chi lo scrisse:
quel giorno più non vi leggemo avante".

Mentre che l'uno spirto questo disse,
l'altro piangeva si, che di piatde
io venni men così com'io morisse:
e caddi come corpo morto cade.

TRADUÇÃO BRASILEIRA

Agora desço no círculo segundo
onde os gritos de dor vão aumentando
e o âmbito é mais estreito e mais profundo.

Ali Minos horrível regouga
examina os espíritos à entrada;
Julga-os a cauda no corpo enrolhando.

Digo que quando uma alma condenada
lhe está de frente, tudo ali confessa,
e ele, depois que a culpa foi pesada,

vê no Inferno o lugar que a alma mereça,
e quantas vezes gira a cauda imensa
tanto círculos mancando que ela desça.

Muitas estão à espera da sentença,
e uma por uma, após o julgamento,
são lançadas ao fundo sem detença.

"Tu que vens à mansão do sofrimento,
— grita Minos com voz que esusa espanha
e a tarefa interrompe em tal momento

vê como entras, de baixo de que manto.
Não te engane a largura da portada".
E o meu guia: (1) "Por que é que gritas tanto?

Não te interrompas a fatal jornada.
Assim se quis lá onde mais potentes
são as vontades. Não pergunte nada".

Principiam agora os sons dolentes
a ressoar mais perto em meu ouvido.
Chego a um ponto onde os sôis são mais plangentes.

lugar completamente escurecido
que muge como o oceano tempestuoso
se de contrários ventos é batido.

O infernal turbilhão, vertiginoso
leva as almas de envoltos na rapina
e nunca pára o impeto furioso.

E ao ser lançadas do alto da ravina
as almas soltam gritos e lamentos,
ali blasfemam contra a Luz divina.

Condenados estão a tais tormentos
peccadores carnais que a alma danada
subjugaram à carne e seus intentos.

Como as aves que em tempo de inverno
em bandos vão pelo ar, ao desabrigado,
assim as almas, a infernal rajada

para aqui, para ali leva consigo,
e nenhuma esperança elas têm mais
não de perdão, mas de menor castigo.

E como os grous que vão soltando guais
em longa fila na paisagem fria,
assim as almas vivem longos aís

quando arrastadas pela ventania.
Então pergunta: "Mestre, que visões
são essas que a tormenta assim crucia?"

"Aquela em que primeiro os olhos pões,

O AMAZONAS

ESTER LEÃO DA CUNHA MELO

— O Amazonas continuaria, dentro do território brasileiro, o gigante desrespeitado. Negligenciado nos seus clamores, desatendido nas suas necessidades, esbulhado nos seus direitos.

— Faz-se imaginar que o Amazonas é uma joia que se não usa, e a guardamos celosamente no grande cofre da natureza. É o luxo do nosso sentimentalismo de pátria imensa.

— Compare-o, antes, a um cavaleiro medieval, parado no cimo das cordilheiras andinas, fitando ao longe o encrespado pacífico, enquanto, à mão direita, jogasse o manto das águas doces até encontrar o remângoso Atlântico. Preparado de maior altura, veloz e atirado se esparrama e se corre: se milhares de milhas, num louco esbanjamento de águas, curvando-se a retorcendo-se por entre perulária flora.

— Insondável, incerto, estranho esse pedaço de planeta.

— Por isso mesmo os seus problemas não oferecem solução. A matemática, nas longitudes amazônicas, debate-se com as exceções do infinito...

— Precariedade. Para os exageros das distâncias há o progresso das máquinas. O longos intermináveis cessam como por encanto, aproximando pontos extremos. Encurtando distâncias com estradas de rodagem, linhas de navegação, vias férreas.

— Discorde do seu ponto de vista. O progresso não pode penetrar exabro nas selvas.

— Por que?

— As populações do interior não pedem o máximo, sim o mínimo. Estamos assobrados de problemas e não sabemos qual atacar primeiro, e, porque não avinharmos, cruzamos os braços em atitude de quem espera o milagre. Ameaçam-se os serviços reclamando urgência e aptidão; a resposta é uma só: INERCIA. O que não é mais admisível é o achatamento criminoso.

— Ora! Os homens não mudaram. O crime coletivo de ontem continua sendo o crime coletivo de hoje.

— A preguiça é a chaga das nossas elites políticas. Há três séculos os governos assistem, indiferentes, a tragédia situação do pará no Amazonas. Há três séculos, as famílias que habitam os érmos florestais,

suplicam o direito de permanecer nas terras firmes que os adventícios arrancam-lhes impiedosamente. Terras alagadiças são as únicas que lhes cabem por sorte. Não será este o primeiro ponto a ser discutido? Há no Amazonas indivíduos que possuem milhares de hectares de terra que daram vários países. E o resto para a população logo? Continuar a vida nômade igual à do selvagem, porque as terras de alívio não oferecem estabilidade, nem repouso, nem cultura. Não é o máximo; é o mínimo, o que o homem do Amazonas pede.

— É verdade!

— Credo que se estudássemos métodos simples e humanos, resolveríamos alguma coisa de melhor. A primeira via de comunicação das populações primitivas, era o cajado do patriarca, que arrimado à éte vencia distâncias para levar ao níncio vizinho, conselhos e remédios. O Amazonas ainda está na ordem do cajado...

— Voltariam os primitivismo patriarca?

— Talvez.

— Não creia que você esteja faltando a sério. Continuo no meu ponto de vista: o problema do Amazonas não é o homem; é a distância. Cada vez discutam mais o fator comunicação. Vivemos isolados na natureza áspera. Isolados por um fatalismo geográfico. Mas não devemos permanecer reclusos. Temos que neutralizar ação estacionária, antecipando o progresso, aproximando a selva das cidades. E' preceço não estorvar o simples com o complexo.

— Veja que você volta-se com simpatia à ação dos jesuítas no Amazonas.

— Não tanto como você pensa, mas aceito cordialmente.

— Lamento que o amigo proclame-se um adepto exaltado das missões.

— Exaltado, não!

— A missão no Amazonas é uma instituição arcáica, fora de uso, incompatível com as evoluções do século. Noutros tempos, poderia ter exercido ação meritária entre os aventureiros, sertanistas, e a indídia.

— Modificados métodos antiquados...

— Seria regressão. Os missionários só têm um fim religioso, e a catequese ainda é uma maneira de escravizar.

— Os missionários exerceram o domínio pela fé.

— De que forma? Antepondo a cruz à liberdade? Transformando o guerreiro audaz num pária exaurido?

— Meu amigo, matar, exterminar as tribus nas aldeias, ainda é um quadro de tragédia infinitamente mais doloroso em cômputo com o outro. Os pobres índios, vestidos assentados, cantando terços, lendo breviários, estudando teologia e latim — embora sombrio, é mais tolerável o reverso do quadro.

— Por que a política dos missionários não foi de encontro à atrocidades dos colonos, deixando na selva o homem da selva?

— Porque os homens que vieram aventureira fortuna não tinham pitadas. Excediam-se no crime. Desminavam a morte e o oprório por onde passavam, e a maior vítima foi o índio. De um lado, a selvageria do nativo, do outro lado, a brutalidade do explorador. Entre os dois elementos bárbaros, os missionários arrebanhavam, com a cruz de fé, os indígenas perseguidos. Se os missionários não tivessem vindo arrebanhar almas para Deus, o Amazonas seria um vasto cemitério.

— Encontra você virtude na ação dos missionários, amedrontando os espíritos supersticiosos dos índios e transformando-os em escravos servis e humildes?

— Unico recurso que lhes resta é resistir e exterminar em massa. Só a caridade cristã os salva. Não encontrará você virtude e altruismo nesses abnegados missionários, arrastados a compartilhar com os bárbaros a vida das florestas virgens? Amparar, proteger, salvar os indígenas, era o comando da Igreja Católica. Não haverá virtude onde há tanto sacrifício?

— Amparar, proteger, salvar a quem viva livre e feliz... que paradoxo.

— Livres e felizes antes da chegada dos colonizadores. Depois elas ficaram impotentes de vê-los. Suas armas não ofereciam confronto.

— Uma força maior levantava-se. E' o fatalismo das evoluções sociais, esmagando o velho e desuado, o arcáico.

— E a moral? E a religião?

— Por maiores que sejam as barreiras que a moral e a religião apresentem ao crime, é pelo crime que os homens abrem aclareira da evolução e do progresso.

— Você avança em dogmatismo...

— O cortejo dos séculos marcha sobre cadáveres que pelejaram por conservar velhas idéias. Embora livres e felizes os nossos índios, eram estorvo à civilização que se anunciará vitoriosa naqueles dias.

— Pare nas digressões. Você quer que voltemos ao primitivismo e seita a destruição do velho, do rotineiro, do arealco, do desusado.

— O homem civilizado pode servir-se de armas arcáicas. O cérebro bem dirigido reprova, aceita, ou condena, métodos e caminhos. Estudando e analisando meios e fins, podemos ajustar o simples ao evitado, e assim colheremos os mais eficientes resultados. No caso do Amazonas, não é o máximo, é o mínimo que a sua população reclama.

— Você está me impressionando...

O CANTO V DO INFERNO DE DANTE

São numerosos os pedidos que nos chegam para reeditarmos em nossas colunas alguns dos trabalhos mais importantes que tivemos ocasião de dar na primeira fase desta publicação (1941-1945). Acham-se completamente esgotados, atingindo altos preços, os cento e poucos fascículos daquela primeira fase. E por isso compreendemos a insistência com que nos é pedida a reprodução, nas páginas que estamos dando agora, de certos trabalhos mais valiosos publicados nas páginas da fase anterior.

Sendo assim, deliberamos atendê-lo que fôr possível, a esses pedidos. E já hoje apresentamos um dos mais formosos trabalhos que saíram na fase anterior de *AUTORES E LIVROS*: a tradução do canto V do "Inferno", de Dante, feita por Dante Milano.

Apareceu esse trabalho no volume segundo de *AUTORES E LIVROS*, p. 138 e 139, e ficou sendo, sem dúvida, possível, a mais perfeita tradução daquele canto que existe em nossa língua.

Em números subsequentes, apresentaremos outros trabalhos dos mais significativos que demos na fase anterior.

— me diz — na terra outrora dominava, imperatriz de imensas regiões.

Do vício da luxuria feita escrava tornar legal seu crime determina para escapar a pecha que a inflamava.

Semiramis se chama e a História ensina que foi de Nino sucessora e esposa. Reinou onde o Sultão hoje domina.

Aquela outra (2) matouse de amor traíndo a fé às cinzas de Siqueu, E esta é Cleópatra, a luxuriosa;

e Helena, por quem tanto se sofreu; e o grande Aquiles que na extrema lida com amor finalmente combateu;

Paris, Trito... "E aponta, na desida, fuis de mil almas no fatal degrado que por amor tinham perdido a vida.

Depois que o poeta me apontou com o dedo damas e heróis em triste companhia, a piedade me prostra e resto queijo.

E digo: "De bom grado falaria àquelas dois que tão unidas vão e tão leves, no leu da ventania".

E fiz: "Quando passarem perío, então para que venham atá nos lhes pede pelo amor que os conduz, e elas virão".

Logo que o forte vento um pouco cede lhes grito: "O' almas cheias de pecados vind' falar-nos, se niguem o impede".

Como um casal de pombos namorados que amor ao ninho chama e em voo unido pelo mesmo desejo vão levados,

os dois saem da fila em que está Dido vindo a nós pelo espaço proceloso, tanto os moveu meu brado comovido.

"O' este humano que com ar piedoso fuiás àquelas cuja vida impura deixou no mundo um rastro sanguinoso,

se Deus ouvisse a nossa voz obscura para ti pediríamos a paz pois tens pena da dor que nos tortura.

O nosso caso triste, se te apaz ouvir, te contarei agora aqui enquanto o vento mais sutil se faz.

Assenta a nobre terra em que nasci junto do mar no qual o Pô se estende com os tributários que acham paz ali.

Amor, que as almas puras logo prende, uniu à deste a minha carne antiga desfeita em modo tal que ainda me ofende.

Amor que o sér amado a amar obriga, uniu-me a ele num prazer tão forte que, como vés, de mim não se desliga.

Amor nos arrastou à mesma morte, Caima (3) espera o autor de tais ofensas". Suas queixas ouvimos de tal sorte.

Depois de ouvir aquelas almas densas a fronte curvo, e ao ver-me quôdo assim, o meu guia perguntou-me "Em que pensas?"

Num suspiro respondi-lhe: "Ai de mim, que vão desejo, que fugaz encanto os arrastou ao doloroso fim.

Para os amantes voltar-me entretanto, e começo: "Francesca, (4) os teus tormentos deixam-me triste e não contenho o pranto.

Mas, diz-me, ao tempo dos suspiros lentos por que sinal e gestos quis amor que se notassem seus autis intentos?"

E ela: "Não bá na vida maior dor que recordar-se do tempo feliz, na miséria. E isto sabe o teu mentor.

Mas para o conhecer desde a raiz o amor que nos uniu nesta carícia, farei como quem chora enquanto diz.

Nós fomos um dia, com delícia, de como a Lancioté, (5) amor venceu. Estivemos a sós e sem malícia.

Por vezes seu olhar buscando o meu, corta a leitura, e fico descorada. Mas foi um ponto só que nos perdeu.

Quando lemos que a boca desejada fôr beijada pelo ansioso amante, este, a quem para sempre estou ligada, beijou-me a boca, trêmulo, ofegante, E o livro, outro Galeoto, (6), interrompendo, não lemos mais, daquele dia em diante".

E enquanto assim a sombra ia dizendo, a outra chorava em tanto desconforto que eu desmaiaria como quem vai morrendo e tombei como tomba um corpo morto.

NOTAS

1 — Vergílio, guia de Dante.

2 — Dido, esposa de Siqueu, a qual se mata por amor (V Canto IV da Enfida de Vergílio).

3 — Caim, 1.ª zona do 9.º círculo do Inferno, onde com Caim penam os fratricidas.

4 — Francesca, esposa de Gianciotto Malatesta de Rimini, por amante de seu cunhado Paolo, com o qual seu marido a surpreendeu, matando a ambos.

5 — Cavaleiro da Távola Redonda, que amou a rainha Ginevra.

6 — Galeoto foi o medeiro dos amores de Lancioté e Ginevra.

"O CORVO", DE EDGAR POE

V — Tradução de ESCRAGNOLLE DORIA

Certa vez, ao bater de meia-noite,
Que das deshoras o silêncio quebra.
Cabeceando, eu sofría o duplo agôito
Do sono e do cansaço em mole alquebra.
Em manuseio tinha alfarboras anseas
Onde velho saber lia lições
Quando a porta senti branca pancada,
Mas senti o percutir dos empuxões.
Disse comigo: — Coisa de nomada...
Talvez alguém que bate ou passa, nada mais.

Ah! de tal hoje faça ainda memória!
Era em dias do gelido desembro;
Cada tição do lar em ilusória
Chama se ia apagando, bem me lembro.
Ah! chegada do sol em ráfica triunfante
A alma deseja e quer; mas lenitivo
Nenhum dos livros meus, de tantos, dera
A morte de Lenora. Deixa o vício
Nome, dizemos-nos os anjos nata estes:
Na terra já ninguém o dirá, nunca mais!

As cortinas de seda num balouço
Sutil, num remexer sem menor vento,
Funhau-me o coração em alvoroço.
Estranho e não sabido movimento.
Para acabar do peito os tremores mortais,
Segredava-me, a mim mesmo: — E, de certo,
Qualquer pessoa que demunda a porta:
Uma visita, e ela me está bem perta.
Para junto d'água já se transporta.
E uma simples visita apena, ninguém mais.

Revesti a minha alma de firmeza;
Bastinholi o vacilar, falei dest'arte:
— Senhora ou meu senhor, peço a finza
Do seu perdão pela tardança. A parte
Da verdade no caso ci-la em ruas lejas;
Eu dormitava quando a sua leve
Mão pelo humbral passou: mas de leveiro
Nilo quis pôr-me desprêito um golpe breve—
Abro a porta, de par em par; fronteiro
As trevas fico, fico às trevas, nada mais.

Esquadrinhando a sombra, largo tempo,
Três couças sinto: enleio, assombro e medo.
Em sembo sobrehumanos eu me atampo
A preservar das trevas o segredo.
De respeitar a mudez não houve ali sinal;
Uma única palavra de meu lábio.
Saiu, estranho no ar feita em mil véses—
Lenora—murmurei; tal nome sabe-o
Meu ser inteiro; tomam-n'o na velozes
Asas do eco, que diz: Lenora!—nada mais.

Volto ao quarto, no ser fogo fremente,
Quando ressoa uma pancada, certa,
Crescida em timbre, nitida, potente.
Que os sentidos acorda e põe de alerta.
— Alguma couça abala os janelas; de tais
Mistérios exploremos os arcados.
Socoga o ânimo em sustos repartido—
Digo a mim mesmo—firmo os soberanos
Ditames da razão, toma sentido.
Escuta—Zumbi o vento, o vento, nada mais.

As escadarias deixo eu a janela,
Por cride vi entrar, com todo o assunto.

Um magistoso corvo, uma ave aquela
Digna das grandes épocas de antanho.
Não revelou destença, hesitação. Sinalas
Dum lord ou dum lady tinha o corvo
Que abre as asas e, a porta se acimando,
Empoleirou-se branco, feio e torvo
Sobre um busto de Pallas se aninhando.
E trepado se queda, imóvel, nada mais.

Mais o pássaro negro deu-me ria,
Tão rígida era nele a compostura,
Grave, saturna, séria. De improviso.
Puz-me a rir da bizarra criatura
Que transpuzera assim meus desafios humerais;
Depois falei: — Tu tens a crista nua,
Chegas de longe, das noturnas praias;
Não é um corvo pávido, mas tua
Fama, seu nome, dice, p'ra que salas
Do mistério. — E o senhor corvo diz:
"Nunca mais!"

Pasmo, ouvindo tamanha maravilha
Nas expressões estranhas do volátil,
Embora essa resposta fosse filha
Irracional da confusão versatil.
Pois já mal um vivente há visto os penetrares
Do lar transportado por um corvo triste,
Uma ave toda negra, em mudo pouso
Sobre um busto de bronze, de onde assiste
A estas três couças: paz, luto e repouso.
Sabeis duma ave assim, de alcunha "Nunca mais"?

O corvo, de poleiro no alto busto,
Nada mais disse, como se exgotado
A alma tivesse, preferindo a custo
O Nunca mais fadigado e malvado.
Calei-me, a ave calou-se; em pausas sepulcrais,
Eu disse então: — Quantos amigos fôra
Do meu convívio conto! Este, que é novo,
Fugitivo também se há de ir embora,
Qual tantas esperanças sem renovo—
Pôs-se o corvo a dizer outra vez:
"Nunca mais!"

Um vago estremecer corre os meus nervos,
Mo de molde parece esta resposta.
A palavra do corvo nos acerços
Da memória talvez lhe fosse posta
Pelo firme tratar e pelos habituals
Conselhos algum mestre desditoso,
Zurzido pelo horror do desespero.
E tanto assim sucede que o saudoso
Corvo um só estribilho com exagero
Sabe, fala e repete e sempre: "Nunca mais".

Segundo risco já me enfora a idéia
E sento-me, a pensar, numa poltrona,
Tendo ante mim por única assembleia
A porta, o corvo e o busto de Bellona.
Encadeando o fio as cismas naturais,
Busco achar uma chave para o enigma,
Resolver o sentido impenetrável
Que na memória punham por stigma
As palavras do pássaro implacável,
Sem cessar crociando o eterno "Nunca mais".

VI — Primeira tradução de JOÃO KOPKE (em prosa)

Uma vez, por volta da meia-noite, hora triste,
Quanto alquebrado pela fadiga e cheio de fôlio, eu
me dava sobre vário e vário volume, exquisito e curioso,
de letras hoje esquecidas, quando, já a cochilar,
quase passava pelo sono, chegaram-me de repente, ao
ouvido, umas pancadinhos repetidos como de alguém,
que de mansinho batesse, batesse à porta do meu quarto.
"E alguém?", disse eu comigo: "é alguém, que bate
à porta do meu quarto... Há de ser isso, e nada
mais".

Ah, lembra-me perfeitamente! — era em Dezembro, o mês das invernadas, — e cada braço, que, por
sua vez, se ia apagando, estampava no chão o seu es-
pectro. Estava eu morto por que amanhecesse; em
tão procurava tirar, dos meus livros, alívio à saudade,
— saudade de Lenora, que perdeu, — da rata e ra-
diante virgem, a quem os anjos chamam Lenora. —
e nome aqui não terá jamais.

E o oedoso, triste, incerto farfalhar de cada passo
das cortinas roxas fazia-me tremer, — aninha-me de
terrores fantásticos, que nunca dantes sentira; de
modo que ento, por querer o bateu no coração, fiquei
a repetir: "E alguém, que bate à porta do meu quarto
— alguém que a deshoras vem bater à porta do meu
quarto; é isso, e nada mais".

Minha alma sentiu-se, de tal apôs, mais forte; sem
nem hesitar, então, "Senhor", disse eu, "ou senhora,
peço-vos sinceramente perdão; mas a verdade é que eu
lhe a passar pelo sono e vós batestes tão devagarinho,
tão de leve batestes, batestes à porta do meu quarto,
que eu nem quase certeza tinha de o haver ouvido".
E, em tal disendo, escancarei a porta: lá fôro — es-
curidão, e nada mais.

Fundo naquela escuridão cravando os olhos, esti-
ve por longo tempo ali, a pensar, apavorado, em divi-
da, sonhando sonhos, que mortal nemhum antes de
min ouviu sonhar; mas o silêncio persistia, e, de nada,
a escuridão, indico dava; e a única palavra, que ali
se profria, era apena, em murmurio, a palavra "Le-
nora". Essa era su-a que-a murmurava, e o eco, mu-
murando, repetia a palavra "Lenora". Fato simples-
mente, e nada mais.

Outra vez voltando para o quarto com a alma tóta
a arder dentro de mim, dali a pouco ouvi de novo bate-
r de leve, um tanto mais alto que primeiro: "Com
ceriso", disse eu, "com certeza, o que ouço agora é a
glosia da janela; vou ver o que ali há e apurar que
mistério é este. Que meu coração se quede por um mo-
mento, e apure que mistério é este. E o vento, e nada
mais".

Abri, então, bruscamente a janela, e, eis que, com
giro e adejo vário, entrou por el-a dentro um majes-
toso corvo com bons tempos de outrora. Nem a menor
corteza fez ele; nem por um instante se deteve ou
parou; mas, com ares de fidalgo ou fidalga, empolei-
rou-se sobre a porta do meu quarto; empoleirou-
se num, busto de Pallas, justamente por cima da mi-
nha porta; empoleirou-se, deixou-se estar, e nada
mais.

Ai como esta ave negra cambiam em riso a minha
triste fantasia pelo grave e austero decoro, que na
aparência mostrava: "Embora tosado certe traga o
penacho, tu", disse eu, "não és, com certeza, um co-
arde, oh, velho corvo, lugubre e horripilante, que an-
dias tremulhado das regiões da noite. Dize-me, pois,
qual é o seu título de nobreza nas regiões plúthicas
da noite?" Disse o corvo: "Nunca mais!"

Muito maravilhado, fiquei ao ouvir esta ave des-
graciada falar tão claramente, conquanto sua resposta
pouco sentido, pouco alcance tivesse, porque não po-
demos deixar de convir em que nenhuma criatura hu-
mana nesta vida jamais teve a felicidade de ver por-
nado sobre a porta do seu quarto, empoleirado sobre o
busto esculpidado, que encima a porta do seu quarto,
ave ou animal por nome "Nunca mais!"

Extraindo mudes, que tão pertinente res-
posta assim interrompia: "Sem dúvida", disse eu, as
palavras, que profere, são todo o cabedal, que lhes fi-
cou da convivência com algum dono infeliz, sobre quais
desafies inclemes caiam uns após outros, com rapides
crescendo até dar-lhe as cantigas por coisante
estribilho, — isto que as lamentações do seu deses-
perei.

Conjecturas eu formo em desafogo,
A boca se conserva taciturna;
Mas do passaro os olhos, todos fogo,
Me requicam naquela paz saturna.
Na rede o clamor prendo sonhos mortais
Com a cabeça pendida bem a gosto
Sobre veludo dum coxim, que no peso
De Lenora, não mais será exposto.
Como dantes, quando el-a tinha o veso
De ficar. Lenora, ai ficar! Nunca mais!

Afigura-se o ar multo mais denso
E perfumoso, grutas a invisível
Turibulo a soltar aroma e incenso
Nas mãos de serafins, cuja frangivel
Pé multo mal sofría os deslizes terrais.
— Misturável, disse eu, Deus bem me ouve,
Por seus anjos me dando a deslembraça,
O repouso melhor que jâmai houve.
Bebe, oh! bebe o treponto sem tardança,
Esquece de Lenora. — E ele diz: "Nunca mais!"

— Tu, augure de males, tu, profeta,
Ser infernal ou pássaro ou demônio
Já que me vens do Averno em linha réta,
Desfazendo a Satan seu patrimônio.
Já que chegaste aqui na era dos temporais.
Procurando o refúgio em domicílio
Onde mora o pavor; eu te depreco.
Dize: pode contar-se com o auxilio
Dum balsamo da vida? — Disse num eco
O corvo a mesma couça, o mesmo "Nunca mais".

Oli! sinistro profeta de mil males;
Oli! pássaro, oli! demônio, oli! ave fela,
Si me queres mostrar tu quanto vales,
Pelo império que sóbrio nos se arquela
Pelo Eterno que adoro, e tu comigo, quais
São as minhas esperanças, fala.
Afirmo-me se posso por agora
Ter nos braços a virgem que na escala
Celeste os anjos chamam de Lenora? —
O corvo respondeu: "Não podes, nunca mais!"

— Esta palavra só nos causa dano
Ave calamitosa, ser perverso.
Volta pr'a noite. Nenhum ser humano
Te irá buscar. Abre o vôo, o universo
E tu, é tu, regressa aos domínios fatais
Dondé saíste volta à tempestade.
Não tenhas uma só pena partida
Por arrhar do mentir, que, de maldade,
Me propina tua alma fementida, —
O corvo retorquiu apenas: "Nunca mais".

O corvo, sem mecher as asas, queda
Sobre o busto de Pallas, qual vigia
A porta do meu quarto; não se arreda
O seu olhar; porém, vendo-o, dir-se-ia
O olhar dum diabo imerso em cismas infernais
A luz do candelabro dâ-lhe em cheio.
Sobre o chão os contornos lhe desanha
Minha alma dessa sombra bem no meio
Debaixo por rugir ali se empenna
A alma jamais se livra, oli nunca, nunca mais!

"Atenida" — Ns. 8, 9, 10 — Ano 1º — págs. 193/4

ro se rematasse sempre pelo triste estribilho. "Nunca
mais! Nunca mais!"

Mas o corvo, pousado solitário sobre o plácido
busto, só disse essas únicas palavras, como se a sua
alma nessas únicas palavras houvesse verido. Nada
mais então disse, — nem uma pena sacudiu até que
eu, mal e mal, pouco mais que murmurasse: "Outros
amigos já se me tem ido; ao amanhecer este me de-
xará como as minhas esperanças se me foram". Torna-
se a isso, a ave: "Nunca mais!"

Cambiando, porém, o corvo novamente em sorriso
toda a tristeza à minha alma, fiz de pronto rodar um
assento acolchoado para defronte e da ave e do busto
de porta; e, então, no veludo afundando, entrei a
ajustar fantasia a fantasia para ver se atinava com
o que esta ave de outros tempos, com o que esta feia,
desengraçada, lugubre, esconderida e aguerrida; ave de
outros tempos queria dizer com gramar "Nunca mais!"

Estava eu assentado a querer com isto atinir, sem
contudo, como alguma dizer à ave, cujos olhos de fogo,
então, me ardiam no âmago do seio; — isto, e outras
coisas malas, estava assentado a querer decifrar, com a
cabeça comodamente reclinada na capa de veludo do
coxim sobre que a luz da lâmpada caia como um olhar
cupido, cada de veludo roxo, sobre que a luz da lâmpada
caia como um olhar cupido, e que el-a não mais há de
prender — ah, nunca mais!

Pareceu-me, neste ponto, que o ar se tornava mais
denso, porque o perfumava um turibulo invisível, agi-
tado por serafins, cujos passos escavam tintilantes no
chão alcatifado. "Desgraçado", exclamei, teu Deus te
empresta, — por estes anjos te manda frégua — iré-
guia e oíndo às saudades de Lenora! Traga, ó, traga a
casa desse olido benéfico e esquece de Lenora que
perdeste!" Disse o corvo: "Nunca mais!"

"Profeta!" disse eu, "creatura fatal! — profeta
ainda assim, que ave, quer demônio! Ou venhas in-
cumprido de tentar-me ou te haja a tempestade lan-
çado a estas plagas, desolado, mas indomito sempre, —
(Continua na página 112)

Poesias de Olavo Bilac

A Antonio Parreiras

Ó verdes, verdes horas passadeiras
Do Amor! verdes planícies da Ventura!
No vosso encanto, que tão pouco dura,
Sois verdes como as serras brasileiras...

Aqui, na glória de viver, Parreiras,
Muitos — neste infinito de ventura,
Verão que o próprio coração fulgura,
Verde, no clarão das ilusões primeiras...

Mas, diante dessas telas, algum dia,
Virão parar, mirando-as tristemente,
Almas defuntas, corações fadados:

E ali paisagens da Vida e da Alegria!
Como esse verde de Esperança ardente
Tortura as almas dos desesperados!

(“A Bruxa” de 11-12-1896)

DEUS

I

Dizem que é grande, oh! Deus, que es onipotente.
Que é grande o teu império e grande o teu poder,
Que tudo de ti vem, que tudo a ti vai ter,
Que é sábio e justiciero e que é enigmático.

Não creio em ti! oh! não! o teu poder insente
Não posso admirar, nem posso conceber,
Que tu existas. Deus, somente podemo crer
A mente dum carola, o cérebro dum vidente.

Vai longe, muito longe, o tempo em que este mundo,
Ante o sagrado altar servil se ajoelhava,
E tinha-te um respeito umílmo e profundo.

Poste batido, oh! Deus! pela aterrada clava
Do homem da ciéncia, e num abismo fundo
Roto contigo o elero — a padaria ignava!

II

Foram-se as procissões, serenas, serinas, lentas.
Mas burlas também, que a passo e gravemente
Fam mostrando ao povo, ao pobre povo crente.
O Cristo as magras formas, nuas, macilentes.

O padre — abutre vil, que tem garras erinatas.
Que flinge piedade e flinge amor ardente
A todo quanto é bom — hipócrita que mente,
Que rouba e que pratica ányos das más nojetas.

Que abusa da dianzela, e que deshonra a esposa
Que infama da família e lhe sagrada e Santo.
Que vai manchando tudo aquilo em que a mãe pouca.

Oculto pela igreja, em negre e denso manto —
— É hoje reputado a bicha pavorosa.
Que pelo mundo espalha a dor, o luto, o pranto!

A VIDA DOS LIVROS

(Continuado da pág. 110)

de trinta anos, prevê os re-médios e propõe a cura. Mercador de estudo e de meditação, não é autor que cai no esquecimento; passa a fazer parte integrante do patrimônio cultural do leitor". São as palavras do dr. Pedro de Almeida Moura.

Caricatura dos Tempos, de Belmonte.

As “Edições Melhoramentos” vão lançar no próximo mês de outubro, um álbum reunindo as caricaturas de Belmonte sobre os sucessos internacionais, e, principalmente, sobre os motivos da última guerra. Esse álbum terá 112 páginas, formato 18x23 cms, e incluirá, no início um relato cronológico dos principais acontecimentos internacionais de 1929 a 1946, bem como da Força Expedicionária Brasileira na Europa.

Colégio, Revista de Cultura e Arte — Ano I, n.º 2 — São Paulo, Julho de 1948.

São Paulo pode orgulhar-se de possuir, hoje, uma revista que é verdadeiramente de cultura e arte. Está no seu segundo número, e

já parece insubstituível, no quadro dos nossos valores espirituais. E a sua significação ressalta ainda maior por ser uma revista de moda. Em suas colunas, realmente, estão falando homens novos, estão palpitan- do conciências novas — as conciências dos homens de um novo Brasil. E claro que viola também se abrigam valores consagrados — e aqui mesmo, neste segundo número, encontramos os nomes de Cassiano Ricardo, Otávio de Faria, A. F. Schmidt, J. G. Vieira. Mas, ao lado desses, quantos autores novos, cujos nomes vemos ou ouvimos pela primeira vez, e que subcrevem trabalhos substanciais. Entre esses citaremos Roland Corbister, com o seu vigoroso trabalho — “Responsabilidade das Elites” e Francisco Brasileiro, com a sua “Contribuição à Etnografia Brasileira”.

Parabéns ao São Paulo, parabéns ao Brasil, pelo aparecimento e pela vitória de “Colégio”.

Recebidos:

— Brito, Chermont de —
Caim (Romance) — Irmãos Porcetti — Rio, 1947, 186 pags.

— Cadernos de Folclore n.º 1 — Poesias e alvinhas. Colecionadas pelo sr. Rosi- neli Tavares de Lima. Capa

Ninguém respeita mais o Vaticano — a gruta,
Onde a costa dos crentes, é “o papo”.
Onde ele passa bem e onde a igreja encapa
O leito em que ele beija a Linda prostituta.

Ninguém mais crê, por certo, em sua absoluta
Providência intuitiva, a que nada escapa,
Ninguém lhe beija mais a maculada capa
E o roxo anel, que brilha em sua mão poluta.

Não há que ver, oh! Deus, tu foste desprezado!
Não valas já, por certo, o que valeste outrora,
E podes muito bem ser hoje desprezado...

“Fugindo, deixas tu aparecer a aurora
Do “Novos Ideais” — em vez do altar dourado.
Em vez dos templos teus, a ESCOLA existe agora!

(Eloy Pontes — A Vida Exuberante de Olavo Bilac
— Pág. 48).

Eu penso em ti, compendo esta campão florida,
Que quiserá enviar-te, oh! minha flor querida!
Escrita a tinta azul nas pétalas dum Rio.

(Idem — Pág. 62).

Amanhecer

Desponta a rubra aurora e surge, enfim, o dia...
Aos poucos se dissipia a trémula neblina.
E, lentamente, a luz argentea e matutina,
Se espalha, em turbilhões, na terra úmida e fria.

Há como uma expansão de súbita alegria,
Em toda a atmosfera, alegre e purpurina.
Desponta a rubra aurora e surge, enfim, o dia.

Aos poucos se dissipia a trémula neblina...
Sacode a verde euma a vasta ramaria,
Desperta o sol a tir na euma coralina,

E só pelo espaço a branda cavatina,
Que o cenário gorgéa, em ondas de harmonia.
Desponta a rubra aurora e surge, enfim, o dia.

(Idem — Pág. 63).

“O CORVO”, DE EDGAR POE

(Continuação da página III)

ao ermo desta terra encantada, — a este ar, que o terror assombra, — fala-me a verdade, eu te imploro, — há, lá bálsamo em Gilead! — diz-me, diz-me, eu te imploro!” Disse o corvo. “Nunca mais!”

“Profeta”, disse eu, “criatura fatal! — profeta assim assim, quer ave, quer demônio! Por aquele céu que se arqueia sobre nós, — por aquele Deus, que ambos adoramos, dize a essa alma de máguia acarinhada, se, lá no distante Edén, abraçará ela uma virgem santificada, a quem os anjos chamam Lenora! Abraçará uma linda e radiante virgem, a quem os anjos chamam Lenora!” Disse o corvo. “Nunca mais!”

“Que sejam essas palavras o sinal da noza despedida, ave ou inimigo!” gritou eu, pondo-me em pé. “Volta à tempestade e às regiões plútônicas da noite! Não deixes nem uma só negra pluma em testemunho dessa mentira que a tua alma disse! Não perturbe a minha solidão! Sai-te do Busto, que encima a minha porta! Tira teu bico de dentro do meu coração e tira o teu vulto de cima da minha porta!” Disse o corvo, “Nunca mais!”

E o corvo, sem se mover, ainda pousado está sobre o pálido busto de Pallas, bem por cima da poria do meu quarto; e seus olhos têm toda a aparência dos de um demônio, que está sonhando; e a luz da lâmpada, calmo sobre ele, projetá-lhe no chão a sombra; e, minha alma, dessa sombra, que está a flutuar no chão, não se erguerá nunca mais!

(“Revista do Brasil” — Vol. IV — Janeiro-Abell de 1917 — págs. 70-82).

Sortilegio

Nunca sentiu por certo esta janela
O peso do seu corpo isoladíssimo:
Nunca ela esteve aqui, neste encantado
Retiro, e tudo aqui me fala dela.

Nunca é espelho refletiu-lhe a bela
Estatura, e lhe guarda o vulto amado...
Nunca aqui esteve — e certo... e Júlio vê-la
E sinto o seu aroma delicado...

Não sei porque motivo, quer ausente
Ou junto a mim, esteja, eternamente
Ao meu lado parece-me avistá-la...

Vejo-lhe a boca, e aqui nunca ela veio
Vejo-lhe agora o olhar, vejo-lhe o sorriso
E indo, entanto, aqui dela me fala!

(Idem — Pág. 65).

Canção florida

Lá fôr a natureza, alegre e verdejante,
Expande-se ao calor do sol da primavera...
Gorgéia a patativa, um conto enebriante.
E como que sorri contente a atmosfera,

Parece que a campina, explodista e brilhante.
Em vestir-se de rosa e de jasmim se esmera,
Como a noiva gentil que, trêmula e hesitante,
Com cuidado se veste e o lindo noivo espera...

E enquanto, em frente a mim, duas pombinhas mansas,
Mais brancas da que a alma ingénua das crianças.
Conversam sobre amor, beijando-se em delírio...

Os “Anais Pernambucanos”

Foi apresentado à Câmara dos Deputados, pelo Sr. Costa Porto, um projeto autorizando a abertura do crédito de 500 mil cruzeiros para a publicação da obra de Pereira da Costa — os Anais Pernambucanos.

Como sabe, essa é, talvez, a mais vasta e a mais importante das obras daquele historiador. Mas encontra-se inédita.

Homen pobre, como era, Pereira da Costa nunca podia dar execução ao seu grande sonho, que seria editar os volumes dos seus meritorios Anais. Por sua morte, passaram os originais a pertencer ao Estado de Pernambuco.

Estadual de Informações. Ano VII — Janeiro a maio de 1947, n.º 22.

E uma publicação oficial, de distribuição gratuita, Foi suspensa em seu número 21.

Sairam mais:

— Ano VII, n.º 23 — Ju-
nho de 1947;

— Ano VII, n.º 24 — Ju-
nho de 1947;

— Ano VII, n.º 25 —

— Ano VII, n.º 26 —

— Ano VII, n.º 27 — No-
vembro de 1947;

— Ano VII, n.º 28 — De-
zembro de 1947 — Janeiro

de 1948.

nambuco. E ainda se acham hoje, depositados na biblioteca pública do Estado.

Formam os manuscritos dos Anais Pernambucanos uma colosso ruma de papel. Correspondem a sete volumes de suas quinhentas páginas cada um, num total, pois, de 3.500 páginas. Nelas está ressaltado todo o passado do Leão do Norte, desde as épocas de Duarte Coelho até o ano 1850, que foi o começo término final de suas pesquisas.

O projeto, que interessa vivamente a cultura brasileira, desperta natural entusiasmo no espírito de todos os estudiosos. Torna-se urgente prestarmos ao paciente, honesto, incansável pesquisador da vida e da alma pernambucana a homenagem de cima, lhe darmos publicação nos seus preciosíssimos Anais.

JOHN DOS PASSOS

Chegou ao Rio no sábado, 12 do corrente, o escritor norte-americano John dos Passos. Foi recebido carinhosamente pelos brasileiros, e entre as homenagens que aqui lhe foram tributadas, destacou-se a recepção que lhe ofereceu o sr. José Tomaz Nabuco.

Também veio em visita ao Rio, com John dos Passos, Alexander Calder.